



## ALGUNS PASSOS EM DIREÇÃO A GREGORY BATESON

por Etienne Samain<sup>1</sup>

**Resumo:** Gregory Bateson (1904-1980) nasceu em Londres, dia 09 de maio de 1904. O presente ensaio é uma homenagem a esta incomparável personalidade, o qual foi, ao mesmo tempo, biólogo, antropólogo, psiquiatra, comunicólogo e epistemólogo. A obra de Bateson? insuficientemente conhecida ainda nos meios universitários - permanece, todavia, decisiva para um século que acabou de nascer. O artigo procura oferecer ao leitor algumas bases críticas que deverão lhe permitir tanto aproximar-se deste observador nato, lúcido e respeitoso das diferenças, como descobrir a orquestração de um pensamento "possuído" pelo permanente esforço de uma descoberta das "estruturas que conectam e unem todos os seres vivos".

**Palavras-Chave:** Gregory Bateson: vida e obra; epistemologia da comunicação.

**Resumé:** Gregory Bateson (1904-1980) est né à Londres, le 9 mai 1904. Une date centenaire donc. Le présent essai est un hommage à cette incomparable personnalité qui fut tout à la fois, biologiste, anthropologue, psychiatre, communicologue et épistémologue. L'oeuvre de Bateson ? insuffisamment connue encore dans les cercles universitaires - reste, toutefois, décisive face à notre siècle qui vient à peine de naître. L'article entend offrir au lecteur quelques bases critiques qui lui permettront de s'approcher de cet observateur né, lucide et toujours respectueux des différences et l'aideront à découvrir l'orchestration de une pensée "possédée" par um effort permanent: celui de découvrir les "structures qui relient tous les êtres vivants".

**Mots clés::** Gregory Bateson: vie et oeuvre; épistémologie de la communication.

---

<sup>1</sup> Etienne Samain é professor do Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes - UNICAMP e pesquisador junto ao CNPq.





*Ofereço este ensaio ao Professor Eduardo Peñuela Cañizal.*

*Agradeço outros amigos: Ronaldo Entler e Fabiana Bruno*

No texto introdutório ao seu último livro, *Mind and Nature. A Necessary Unity*<sup>2</sup>, Gregory Bateson (1904-1980) escreve: "No decorrer da minha existência, coloquei as descrições de tijolos e de jarras, de bolas de sinuca e de galáxias numa caixinha e, ali, deixei-as repousar em paz. Numa outra caixa, coloquei coisas vivas: os caranguejos do mar, os homens, os problemas de beleza e as questões de diferenças. É o conteúdo da segunda caixa... [que, a mim, interessa]". Era no ano de 1979.

### **Uma carta de cor bege clara**

Neste mesmo ano, um 12 de novembro, quatro estudantes e eu, no âmbito do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, acabávamos de ter passado um mês inteiro em torno da leitura de *Naven* de Gregory Bateson e de dois dos seus artigos publicados no *Steps to an Ecology of Mind*. Fascinados, queríamos deixar ao seu autor uma palavra de agradecimento. Numa pasta azul, reencontro agora a cópia da carta que lhe enviamos na oportunidade. Ela é simples, uma tanto desajeitada nas suas expressões:

*"Caro Professor e Amigo, [...] O que lhe dizer? Penamos juntos e temos apreendido; descobrimos também o que podia significar a proibidade intelectual de um pesquisador, sua modéstia tanto quanto sua abertura; sua paixão humana e sua seriedade. [...]"*

---

<sup>2</sup> Bateson, Gregory. *Mind and Nature. A Necessary Unity*, New York: Dulton, 1979, p. XX. O último livro publicado por Bateson, um ano antes de sua morte. Existe uma versão brasileira: *Mente e Natureza. A Unidade Necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1986 e, outra, publicada no Portugal: *A Natureza e o Espírito. Uma unidade necessária*. Lisboa: Quixote, 1987, ambas infelizmente esgotadas.





*Acontece que, para além do horizonte a que nos abriu intelectualmente, o Senhor nos deixa, ao anoitecer de sua existência, uma lição de ternura e de veracidade humana [...]. É provável, também, que estejamos precisando na nossa caminhada e nesses tempos que aqui vivemos, de uma espécie de luz interior, de uma presença e de uma sabedoria corajosa [...]. O que nos une não é o tempo, nem o espaço e, sim, o caminho".*

Em janeiro de 1980, nos chegou uma resposta de Gregory Bateson<sup>3</sup> : uma carta de 20 linhas datilografadas sobre um papel de cor bege clara e o exemplar da sua última obra a que já me referi, *Mind and Nature. A Necessary Unity*, um livro que representa seu testamento e a síntese de seu pensamento.

Não sei se tive razão de emprestar essa carta a uma pessoa que nunca me a devolveu. Pouco importa já que guardei a memória precisa de uma frase: "Eu me maravilho com o fato de que, ainda hoje, existem pessoas que se interessam por um livro [Naven] que escrevi há quarenta anos, e possam lê-lo num outro país [o Brasil] e numa outra língua [francesa]".

Na época, não conhecia ainda o conceito-chave que, no entanto, acompanha e perpassa, também, os trinta últimos anos da reflexão de Bateson, quando, como biólogo e antropólogo, ele se coloca a pensar as questões da comunicação humana nesses termos:

*"Procurei sempre a estrutura que une todos os seres vivos (The pattern which connects all the living creatures)".*

Eis o que apaixonava Bateson: de um lado, as "coisas vivas" e, de outro, as "estruturas que conectam todas as criaturas vivas". É neste horizonte que temos que situar os dizeres da

---

<sup>3</sup> Bateson morreu dia 04 de julho de 1980.





carta, realçando um outro detalhe: "Eu me maravilho". Três curtas palavras que, ao lado dos seus olhos penetrantes, são o que melhor define a obra e a personalidade de Gregory Bateson. Um olhar inconfundível de presença e de respeito às diferenças, ao lado de uma necessidade de observar e de se maravilhar constantemente diante de tudo que é vivo e que, entre si, interage.

### **Em torno de uma pessoa e de uma obra**

Conhece-se, insuficientemente ainda, nos meios universitários, a obra plurivalente de Gregory Bateson. O século que se inicia nos obrigará a descobrir um dos mais importantes antropólogos e epistemólogos da comunicação humana. Um pensador e um pensamento cuja originalidade decorre do fato de que, numa perspectiva sempre interdisciplinar, Bateson não cessa de levantar questões que permitem entender melhor as relações entre os indivíduos e a sociedade, os processos culturais e, sobretudo, a trama de um mundo vivo mais amplo (ecossistema) na qual se inserem e evoluem. Sempre procura, deste modo, nos aproximar de contextos vivenciais (portadores, para ele, das chaves da significação) para, a partir deles, construir paulatinamente alguns conceitos teóricos<sup>4</sup> que balizam sua obra e, assim, nos abrir a uma visão original do homem, do espírito e dos processos de mudança.

A obra de Bateson é densa, nunca confusa. Ela é exigente e surpreende na medida em que, ao lado de uma lógica rigorosa, existe, nela, um espaço importante para a anedota, a metáfora, o imaginário e a poesia. Bateson nunca obriga, nunca manipula o seu leitor. Agora, sim, de maneira constante, ele convida-o a pensar e faz tudo para despertar nele, além do interesse, o seu próprio potencial crítico. Sua obra é difícil na medida em que é

---

<sup>4</sup> Conceitos teóricos que, parcialmente, assinalaremos no decorrer deste artigo, reservando a trabalhos futuros uma apresentação mais densa e crítica dos mesmos.





aberta, humana, sempre em construção. Ela provoca, seduz e cativa. Como ela não sabe mentir, não deixa ninguém incólume. É uma obra circular, em perpétuo movimento, de tal modo que nunca se sabe onde exatamente começa e, sobretudo, quando terminará.

Além disto, vários territórios do saber entrecruzam-se, com deferência e precisão, no empreendimento sistemático de Bateson. São eles: a biologia, a antropologia, a cibernética, a lógica, a psiquiatria, a etologia. Todas essas áreas, por sua vez, convergem em direção a uma epistemologia da comunicação. Não será supérfluo, deste modo, balizar este pensamento plural com algumas pistas.

### **Da Biologia...**

Diplomado em zoologia pelo Saint John's College, Bateson tinha vinte anos [1924], quando partiu para as ilhas Galápagos, onde Darwin havia recolhido, noventa anos antes [1834], dados importantes para sua teoria da evolução. Mais próximo, todavia, das posições de Lamarck (1744 -1829) que dos postulados de Darwin (1809 -1882), Bateson será sobretudo estimulado pelas interrogações levantadas pelo seu próprio pai, William Bateson, o fundador da genética<sup>5</sup> : "É dele que herdei a maioria das minhas ferramentas [...]. Adquiri, junto a ele, um sentimento mais ou menos místico, que me levou a acreditar que devemos procurar o mesmo tipo de processo em todos os domínios dos fenômenos naturais: por exemplo, que devemos esperar encontrar um mesmo tipo de leis em ação, tanto na estrutura de um cristal como na de uma sociedade..."<sup>6</sup>. Alguns meses antes da

---

<sup>5</sup> William Bateson (1861-1926) comprovou e divulgou, também, as experiências realizadas por Gregor Mendel até então mal conhecidas. Tinha uma tal admiração para os trabalhos do monge austríaco que deu ao seu terceiro filho, o nome de Gregory.

<sup>6</sup> Bateson, Gregory. "Experiments in Thinking About Observed Ethnological Material", in Steps to an Ecology of Mind, Chicago: The University of Chicago Press, 2000 [Or. 1940], p. 73-87, aqui p. 74.





sua morte, num artigo escrito em 1979 e intitulado "A ciência do conhecimento", Bateson será mais afirmativo ainda: "Se vocês quiserem saber ou, melhor dizendo, entender o que acontece na educação de hoje, na medicina tradicional, na medicina holística, nas relações pais/filhos, no conservantismo, no radicalismo, no governo, na religião e nas relações internacionais, seria bom estudar a biologia e, em especial, esse ramo da biologia que se chama a epistemologia". A epistemologia é um ramo da história natural, uma biologia do conhecimento, uma "outra maneira de designar o campo da ecologia do espírito"<sup>7</sup>.

### ... à Antropologia...

No Prefácio ao *Naven*, a única monografia<sup>8</sup> antropológica que realizará nos meios dos latmul do rio Sepik (Nova Guiné), Bateson dirá "que foi o Dr. A. C. Haddon<sup>9</sup> [...] que fez de mim um antropólogo, anunciando-me num trem entre Cambridge e King's Lynn que ele queria ajudar a me formar e que me enviaria a Nova Guiné". Eis um indício interessante. Alfred Cort Haddon (1855-1940) - não devemos esquecê-lo - era zoólogo de formação e tinha organizado, em 1901, a célebre expedição ao Estreito de Torres, entre a Austrália e a Papua-Nova Guiné, iniciando através dos registros fílmicos e fonográficos o que convém designar, hoje, como sendo o nascimento do filme etnográfico. Não é de se admirar, deste modo, que será Bateson quem produzirá em Bali, entre 1936-39, os mais de 25.000

---

<sup>7</sup> Bateson, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*, p. 401.

<sup>8</sup> Bateson, Gregory. *Naven. A Survey of the Problems suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe drawn from Three Points of view*. Stanford: Stanford University Press, 2ª ed., 1958 [Original: 1936].

<sup>9</sup> À formação que receberá de Haddon, deve-se acrescentar a recebida de Bronislaw Malinowski e de A.R. Radcliffe-Brown.





clichês, a partir dos quais organizará com Margaret Mead - então sua esposa - o muito original *Balinese Character. A photographic analysis*<sup>10</sup>. Todo o livro, com efeito, representa a tentativa de explorar, verbal e visualmente, de que modo e através de que comportamentos socialmente adquiridos uma criança nascida em Bali tornava-se uma criança balinesa. A importância que Bateson sempre dará à observação dos gestos da comunicação toma raiz nesta experiência ímpar.

Mas voltemos ao *Naven* que será publicado em 1936, ao término de um longo período (abril de 1927 a março de 1933) de "errância" entre comunidades da Nova Guiné (os Baining, os Sulka e, finalmente, os Iatmul), quando Bateson procurava a si mesmo, mas, sobretudo, tentava entender o ofício do antropólogo e a maneira como se podia tentar, fora dos círculos semi-(o)cultos e pedantes do St. John's College (Cambridge), uma abordagem mais holística das sociedades humanas. Imperava aos olhos de Bateson essa necessidade de descrever e de compreender, de maneira sistemática, os detalhes das interações presentes em um simples ritual como era o caso do *Naven*, uma cerimônia Iatmul que ele se permitia encarar de um triplo ponto de vista (estrutural, sociológico e cognitivo/emocional [eidos/ethos]), qualificando seu empreendimento como "um estudo da natureza da explicação"<sup>11</sup>. Temos aí uma chave da maneira com que Bateson sempre pensará dever se aproximar da realidade humana e dos seus fenômenos: em termos plurais e em termos relacionais, isto é, dinâmicos. Desde o começo, a intuição de Bateson é que o vivo se constitui e se define como um "sistema de comunicação". Essa intuição se tornará o fecho de abóbada do universo heurístico de Bateson e de sua obra.

---

<sup>10</sup> Bateson, Gregory & Mead, Margaret. *Balinese Character. A photographic analysis*. New York: New York Academy of Sciences, 1942.

<sup>11</sup> Ver o Epílogo 1958 à reimpressão de *Naven*, op.cit., p. 280.





No seu *Naven*, Bateson cunhará, deste modo, uma série de importantes conceitos teóricos. Ele retomará de Ruth Benedict<sup>12</sup> a idéia de que "uma cultura, tanto quanto um indivíduo, representa um modelo mais ou menos consistente de pensamento e de ação (pattern of thought and action)...[de tal modo que] não podemos entender a forma (form) que (os) atos (deste indivíduo) tomam a não ser entendendo primeiro as molas emocionais e intelectuais (emotional and intellectual mainsprings) dessa sociedade"<sup>13</sup> A partir da idéia de Benedict, Bateson refinará o conceito de pattern (estrutura, modelo, configuração, padrão) cultural, desdobrando os comportamentos estereotipados e culturalmente definidos dos seus indivíduos através das categorias de ethos (expressão dos aspectos culturalmente normatizados dos instintos e das emoções dos indivíduos) e de eidos (expressão dos aspectos culturalmente normatizados dos processos cognitivos dos indivíduos). Ultrapassando o campo crítico de Bronislaw Malinowski<sup>14</sup> que tinha razão ao dizer que, para existir, uma sociedade deve "funcionar", Bateson acrescentará algo complementar e essencial: toda sociedade é dinâmica, isto é, em constante processo de

<sup>12</sup> Ruth Benedict (1887-1948) era assistente de Franz Boas (1858-1942) e foi a amiga íntima de Margaret Mead.

<sup>13</sup> Benedict, Ruth. *Patterns of Culture*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1956 [1ª ed., 1934], aqui, p.46.

<sup>14</sup> Bronislaw Malinowski (1884-1942) foi um dos professores de Bateson. A publicação de *Naven*, certamente, o irritou, já que, prefaciando - no mesmo ano de 1936 - o trabalho de um outro dos seus alunos, Raymond Firth [*We, the Tipioka: A Sociological Study of Kinship in Primitive Polynesia*, London: Allen & Unwin Ltd, 1936], escreverá: "Exatamente numa conjuntura em que sofremos uma indigestão de novas teorias antropológicas, um livro como este chega em boa hora [...], pois, são feitas tentativas de analisar culturas em termos de cismogênese, ou de definir o 'gênio' individual singular de cada sociedade particular como apolíneo, dionísíaco, ou paranóide, e coisas do gênero".







equilíbrio. Ela não pode existir, deste modo, sem ser um espaço (e um sistema, sempre singular) de constantes trocas, relações e interações entre seus membros. Bateson forjará o conceito de cismogênese e tratará de definir dois dos seus tipos (simétrica e complementar)<sup>15</sup>. Pouco depois, falar-se-á, nos círculos da nascente cibernética da qual o próprio participará, de dois tipos de feedback (positivo e negativo) e, mais tarde, Bateson e seus parceiros do "colégio invisível" de Palo Alto<sup>16</sup> falarão de "pragmática da comunicação", de "relações simétricas" e de outras "complementares"<sup>17</sup>.

### **... participando do nascimento da cibernética.**

Fora os vinte meses de um voluntariado deprimente passados na Ásia a serviço do Ofício dos Serviços Estratégicos americanos<sup>18</sup> Bateson participará em maio de 1942 e, depois, na primavera de 1946, de simpósios que vão se repetir, com certa freqüência, até 1948.

<sup>15</sup> No quadro do ritual latmul do Naven, cismogênese complementar e cismogênese simétrica significavam respectivamente: 1) quando, por exemplo, a fanfarrice de um grupo exibicionista de homens provocava, sob os aplausos de mulheres, o reforço da fanfarrice deste mesmo grupo masculino; 2) quando a fanfarrice de um grupo exibicionista de homens provocava, com ou sem aplausos das mulheres, a fanfarrice de um outro grupo exibicionista de homens.

<sup>16</sup> Grupo de antropólogos e de psiquiatras, entre eles: Gregory Bateson, Erving Goffman, Ray Birdwhistell, Don D. Jackson, Stuart Sigman, entre outros.

<sup>17</sup> Veja: Watzlawick, P.; Helmick-Beavin, J. e Jackson, D. Pragmatics of Human Communication: A Study of Interactional Patterns. Pathologies and Paradoxes. New York: Norton, 1967.

<sup>18</sup> Bateson passou vinte meses (do verão de 1943 ao inverno de 1945) na Birmânia e na Tailândia, como "planejador psicológico", isto é, procurando confundir e embaralhar a propaganda japonesa via rádio.





São encontros, patrocinados pela Fundação Josiah Macy<sup>19</sup>, de curta duração, reunindo um número limitado de participantes (máximo de 20), com a seguinte característica: todos são pesquisadores oriundos das mais diversas áreas do saber. É no âmbito destes colóquios que Bateson vai poder demarcar uma série de novas vias do seu pensamento e se enriquecer com novas ferramentas.

Nesses encontros, Bateson vai conhecer psicólogos e psicanalistas (A. Rosenblueth, Lawrence K. Frank, Lawrence S. Kubie), engenheiros especialistas em computação (Heinz von Foerster e Julian Bigelow), o teórico da informação Claude E. Shannon, o filósofo Filmer.S.C. Northrop, o neurofisiologista Warren S. McCullock e, também, físicos e matemáticos - entre eles, Walter Pitts, John von Neumann e Norbert Wiener. Bateson vai logo se sentir extremamente próximo e solidário a um conjunto de novos conceitos ("circuitos cibernéticos", retroalimentação positiva e negativa, diferença entre processos "analógico" e "digital", "entropia") e de novas teorias (a teoria de Von Neumann sobre o jogo, a de Bertrand Russel sobre os tipos lógicos, a de Donald G. Marquis sobre a aprendizagem).

Com esses novos conceitos e teorias, Bateson vai construir a base de uma nova ciência da comunicação. Ele insistirá sobre alguns dos aportes centrais da cibernética: a noção de sistema<sup>20</sup> (de sistema vivo em especial<sup>21</sup>) e dos seus componentes principais: a interação

---

<sup>19</sup> Fundação americana que, no período de 1930 a 1960, promovia e financiava a organização de conferências na área das Ciências Humanas.

<sup>20</sup> A célula de um organismo humano pode ser considerada como um sistema. Um termostato procurando manter a temperatura constante num ambiente, um carro, uma fábrica, uma economia, todos são, também, sistemas - enquanto conjuntos de elementos em interação tal que uma modificação qualquer de um desses elementos acarreta uma mudança dos demais.





e o contexto de toda interação, a informação (que, para Bateson, é sempre a 'notícia de uma diferença'), os contextos e as codagens da informação, os níveis da aprendizagem.

Esses novos conhecimentos, Bateson os desenvolverá primeiro no campo da comunicação humana em psicoterapia, quando, em 1949, passa a trabalhar, juntamente com o médico suíço Jurgen Ruesch, na Clínica neuropsiquiátrica Langley Porter de São Francisco. Em 1952, com uma bolsa da Fundação Rockefeller, se debruçará sobre questões referentes aos "Paradoxos da abstração na comunicação" (isto é, sobre o problema das classes e dos níveis de mensagens), desenvolvendo com outros novos pesquisadores (John Weakland, Jay Haley, Bill Fry, Milton Erickson, o psicanalista Don D. Jackson - o futuro fundador do MRI: Mental Research Institute), estudos sobre aspectos pragmáticos da comunicação: o humorismo, a comunicação entre o cego e o cachorro que o guia, as mensagens que trocam o ventríloquo e suas bonecas, a comunicação entre os macacos. Nesta linha, Bateson dará uma relevância pessoal aos estudos sobre o "duplo vínculo", a esquizofrenia e a importância do trabalho com a família no contexto de qualquer terapia.

Bateson se distanciará, no começo dos anos 60, da psiquiatria. Nas Ilhas Virgens, passará sete anos (1963-71) estudando os comportamentos dos polvos, dos delfins, dos macacos, e nutrindo, com seus constantes aportes, aquilo que, em torno de Palo Alto, seus mais recentes colaboradores, Ray Birdwhistell, Paul Watzlawick, Erving Goffman e Edward T. Hall, procuravam acerca da comunicação interpessoal entre os homens.

---

<sup>21</sup> "Sistema vivo": o indivíduo, a família, os grupos estruturados (uma floresta, um lago, uma torcida de futebol, um enxame de abelhas, um asilo, um hospital...), uma cidade, uma sociedade, a ameba e a biosfera... mas não as bolas de sinuca, nem os livros de receitas culinárias.





## "Olhar sobre os meus pais"

É difícil se aproximar do pensamento de Bateson sem se sentir, ao mesmo tempo, igualmente atraído pelo fascínio de sua pessoa. Quem era Gregory Bateson? Não faltam, é verdade, obras-primas que já retratam sua existência, seu percurso intelectual e, sobretudo, sua dimensão visionária. Apresentarei algumas dessas obras mais adiante. Existem duas delas, no entanto, que já merecem destaque: o magistral trabalho biográfico que David Lipset (antropólogo, discípulo de Bateson, a quem o cientista tinha dado carta branca para abrir todos os seus baús) publicou, pouco após a morte de seu mestre, sob o título Gregory Bateson. O legado de um cientista<sup>22</sup> e, dois anos mais tarde, o preciso e lúcido olhar a partir do qual Mary Catherine Bateson, única filha do casal Mead/Bateson<sup>23</sup>, fala de seus pais, em *With a Daughter's Eye: A Memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson*<sup>24</sup>, publicado em 1984.

Já valeria a pena aproximar o leitor desta última narrativa na medida em que muitas pessoas ouviram falar de Margaret Mead e desconhecem por completo a identidade de Bateson. Mas, o interesse vai além: Margaret Mead, tanto quanto Gregory Bateson, se deixam descobrir e se revelam no contraste de suas personalidades: são dois gigantes, dois estilos, dois gênios, diferentes e complementares.

---

<sup>22</sup> Lipset, David. *Gregory Bateson. The Legacy of a Scientist*. Boston: Beacon Press, 1982. Existe uma versão castelhana: *Gregory Bateson. El legado de un hombre de ciência*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

<sup>23</sup> Mead e Bateson casaram-se em 1935. Viveram juntos até os anos 50.

<sup>24</sup> Bateson, Mary Catherine. *With a Daughter's Eye. A Memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson*. New York: William Morrow and Company, Inc., 1984. Versão francesa: *Regard sur mes parents. Une évocation de Margaret Mead et de Gregory Bateson*. Paris: Seuil, 1989.





Retomarei a seguir uma longa citação textual de *With a Daughter's Eye*, síntese - emocionante, poética e na qual o bom humor também não falta - da lembrança visual que Mary Catherine guarda de seus pais em termos de contrastes físicos, mas, também, em termos de estilos de vida e de ritmos de trabalho. Procurarei, depois, respigar como se faz num vasto campo de trigo, algumas outras migalhas que, na profusão de detalhes vivos deste livro, deverão nos conduzir a entender melhor de que grãos Bateson, em especial, se constituía.

*"Como qualquer criança frente ao divórcio<sup>25</sup> dos pais, começo tentando ver os meus pais reunidos na sua relação comigo e procuro unir suas imagens separadas. Poucas vezes tive a oportunidade de vê-los juntos: alguns anos, no começo da guerra, quando era pequenina; um ano após a guerra, pouco antes da separação deles; e alguns encontros profissionais passageiros no decorrer dos anos que seguiram. Enfim, ao se aproximarem da morte, cada um deles temia a doença e o desaparecimento do outro como um fato que aconteceria num contexto que partilhavam. Ao longo dos seis meses que precederam o falecimento da minha mãe, eles se encontraram freqüentemente, oferecendo-me, desse modo, momentos que lembravam as imagens fragmentárias da minha infância: o ceticismo de Gregory temperado por sua ternura, a energia e o dinamismo de Margaret expressando-se através de seu corpo franzino, tendo já desaparecido a corpulência dos anos anteriores. A harmonia desses encontros me fazia reviver as longas horas durante as quais, ainda criança, fui testemunha de conversações de rara intensidade; e entendia de onde vinha minha atração pelos pensamentos e especulações abstratas. O jogo intelectual estava carregado de emoção, era uma maneira de fazer amor.*

---

<sup>25</sup> Divórcio que se formalizou no verão de 1950.





*Não se podia vê-los lado a lado sem perceber seus contrastes, e continuo sentindo fortemente essa mesma dissonância quando olho as fotografias antigas ou quando evoco lembranças. O que saltava aos olhos à primeira vista era a diferença de tamanho, assim como a do estilo e do ritmo dos seus movimentos. Minha mãe, que media apenas um pouco mais de um metro e meio, era compacta e parcimoniosa em seus gestos, reunindo em torno dela tudo aquilo de que precisava com muita eficácia. Gregory, que atingia um metro e oitenta e cinco, tinha passado boa parte de sua juventude procurando dissimular os centímetros que possuía a mais mantendo curvadas as costas, não sabendo o que fazer com o seu tamanho nem com suas pernas compridas. Revejo-os sentados ao meu lado, numa coberta estendida no chão, ao ar livre. Gregory tem os joelhos dobrados, o cotovelo apoiado sobre o joelho erguido... Margaret está sentada sobre uma anca, as pernas recolhidas, sua saia meticulosamente disposta ao seu redor, como uma amazona montada num cavalo, as mãos juntas sobre seu peito - e ela se debruça para frente, no calor da discussão. Seu físico encolhido permitia mil refúgios: podia instalar-me com toda tranqüilidade sobre os seus joelhos ou ainda me agachar contra ela, sobre o divã, quando nos fazia uma leitura em voz alta. Aos olhos de uma criança, o corpo de Gregory evocaria mais uma gaiola que um ninho. Dito isto, o cume da glória era o fato de me encontrar empoleirada sobre seus ombros, erguida acima da multidão, obrigada a abaixar a cabeça para passar sob as portas ou os ramos das árvores.*

*Seus ritmos eram também muito diferentes. Margaret era rápida e segura de suas intenções à medida que o dia avançava como se ela seguisse uma agenda onde cada atividade estava fixada. Aparentemente incansável, nunca desperdiçava sua energia. Encerrava bruscamente as conversas telefônicas e, raramente, se detinha para dizer um adeus, uma vez que já havia se colocado em uma nova trajetória. Os dias de Gregory estavam cheios de coisas adiadas e de momentos de abandono ao devaneio, quando*





*permanecia brevemente desocupado antes de mobilizar novamente toda sua estatura em vista da atividade seguinte. Seus pés constituíam a seu olhar longínquas colônias, afastadas de suas preocupações; tornaram-se cada vez mais insensíveis à medida que avançava na idade, e acabou por calçar seus sapatos, tanto no verão quanto no inverno, sem meias. Muitas vezes seus pés permaneciam no ar, emergindo das cobertas, nas camas que eram pequenas demais para o seu tamanho.*

*Quando relembro de meus pais, vejo suas mãos. As de Margaret eram pequenas e delicadas, com minúsculas meias-luas na raiz das unhas; elas se movimentavam de maneira simétrica diante dela, a palma virada para o alto enquanto ela falava, e voltando-se para ela quando a frase terminava. Margaret dava a impressão, por assim dizer, de oferecer simbolicamente seus seios na palma de suas mãos, convencida de que nos alimentava mesmo no decorrer da discussão mais violenta. As mãos de Gregory eram espetaculares, angulosas, com dedos compridos que acabavam com grossas unhas descoloridas. Servia-se delas de maneira assimétrica quando se expressava, e uma de suas mãos podia dessa maneira permanecer no ar, esquecida após um gesto esboçado"<sup>26</sup>.*

Sem afetação, sem concessão, *With a Daughter's Eye* explora com fineza dois seres, duas lendas, duas maneiras de ver e de pensar o mundo. No entanto, na medida em que o passado tem, muitas vezes, como destino o esquecimento, acho necessário explorar<sup>27</sup> - mesmo que minimamente - alguns traços mais singelos que reporta Mary Catherine com relação aos seus pais.

<sup>26</sup> Bateson, Mary Catherine. *With a Daughter's Eye*, cap. 2: Baby Pictures, p. 20-21.

<sup>27</sup> Todas as referências textuais a que remeterei dizem respeito à edição original. Para não carregar o texto de "aspas" e na medida em que precisei concatenar textos de Mary Catherine Bateson e minhas próprias palavras, optei por um discurso mais livre e, espero, não menos objetivo.





Bateson e Mead, que foram, a vida inteira, nômades (quantas vezes não tiveram de se mudar de uma cidade para outra ou de um apartamento para outro) e que nunca realizaram uma carreira acadêmica no sentido clássico da palavra (o ensino nunca foi outra coisa a não ser uma atividade ocasional ou periférica), partilhavam essa inspiração comum: a constituição de grupos, onde as idéias originais dos participantes se completavam umas com outras (p.44)

Margaret, na verdade, era muito seletiva quanto às atividades das quais participava (p.45) e tinha a propensão a dirigir a vida dos outros (p. 111). Criava e mantinha imagens de amigos e de relações que eram tais como desejava que fossem (p.117). De um impetuoso e insaciável apetite para a descoberta, buscava sem cessar experiências mais ricas e mais intensas, a ponto de, por vezes, esgotar seus parceiros, irritados pela sua atitude possessiva e pelo seu ciúme (p.118). Dito isso, ela que lia e escrevia muito rapidamente, quando viajava em torno do mundo, levava sempre um pequeno caderno na sua bolsa, anotando toda idéia ou informação nova que pensava poder utilizar (p.191).

Para Margaret, falar era uma paixão (p.199) e ela tinha uma extraordinária capacidade de orquestrar o que acontecia ao seu redor (p.213). Em contrapartida, era produtiva porque sabia partilhar tudo o que lhe chegava (p.122). Podia no tocante a assuntos que a cativavam, ser, ao mesmo tempo, veemente e poética, e nunca adiantava argumentos puramente abstratos. Recorria, sim, aos dados da tradição e à linguagem da poesia para conduzir à adesão (p.87). De uma extraordinária vitalidade, impulsiva, intensa e passional, quando se deparava com um problema, sua imaginação galopante encontrava logo uma solução (p.111). A atitude materna estava profundamente enraizada nela (p.141). Lançava milhares de idéias em todas as direções, como espermatozóides (p.113).







Ela gostava de roupas lindas, adorava os chapéus (p.84) e levava consigo, em todos os países, uma pequena almofada de seda, que lhe permitia dormir em qualquer lugar e evocava para ela o conforto de uma cama de casa. Essa distinção acompanhava sua extrema generosidade. Ela trabalhou, anos a fio, para o melhoramento das comunidades internacionais e interculturais (p.85) e lutou contra a fome no mundo (p.86). Sempre pensava em termos de construção (p.16) e tinha o gosto para a inovação (p.32). Margaret preocupava-se com o mundo humano - de todos os seres humanos, sem distinção de cultura e de raça (p.60). Partilhava da crença humanista na singularidade da criação, mas também da crença científica de que todo processo, em última análise, é de nossa responsabilidade. Anotava tudo, como faziam todos os antropólogos, qualquer que fosse a utilidade, esperando que a integração e a descrição de um único exemplo ajudassem a entender melhor a condição humana (p.31). Margaret tinha um apetite insaciável para os dados detalhados, precisos, minuciosos (p.193); desejava captar um pedaço da vida e, logo depois, conceber rapidamente hipóteses, suposições, "pontos" e aplicá-los (p.193).

Quando - acrescenta Mary Catherine - "procuro representar minha mãe, trabalhando outro tipo de material que não sejam as palavras, vejo-a cozinhando ou, ainda, tricotando" (p.45). Margaret sabia trançar todos os fios (p.27).

E prossegue: "A vida de Gregory era, ao contrário, cheia de fios esparsos e de peças descontínuas (p.27). Apaixonado desde a infância pelas ciências naturais, Gregory, - escreve Mary Catherine, evocando um dos passeios iniciáticos em sua companhia - "revirava velhos troncos para me fazer ver os escaravelhos e as lesmas que fervilhavam no seu abrigo e, na praia, deslocava as pedras no meio dos charcos para, antes de recolocá-las cuidadosamente, mostrar-me os caranguejos agitados que ali se escondiam [...]. Avistamos um rato do campo. Avistamos um sapo. Seguimos o caminho das formigas, lá





bem embaixo dos talos, suas estreitas pistas no entrelaçado das raízes e das radículas" (p.54).

Bateson era, antes de qualquer coisa, um observador nato, observador dos seres vivos: as formigas, as borboletas, as estrelas do mar, as orquídeas, os homens. Não é de se estranhar que Mary Catherine voltará sempre, desta experiência originária com o seu pai, com uma palavra de ordem: "Papai, ensine-me alguma coisa" (p.52). Essa parceria cúmplice se manterá viva, anos depois, nos extraordinários metáforas de um "Pai" e de uma "Filha", que culminarão na realização do último livro<sup>28</sup> de Bateson O Medo dos anjos. Para uma epistemologia do sagrado, concluído e publicado pela sua filha, sete anos após a morte dele.

Se, porventura, Margaret tentava persuadir Gregory a colocar meias antes de subir no palco, o resultado era puro fracasso (p.83). Gregory mantinha-se afastado das convenções sociais [...], mas permanecia disposto a se dobrar a certas obrigações mundanas quando outras pessoas pareciam dar-lhes certo valor (p.93). Seu ceticismo, temperado por sua ternura (p.20), assemelhava-se - numa conversa - à maneira muito particular com que sabia observar uma floresta ou uma lagoa (p. 95). Sem o dizer, ele pensava: "Sempre se assegure de poder descer da árvore", pois se a árvore é importante, ela não poderá ser entendida fora de uma estrutura que a une à floresta. Gregory, quando tinha uma idéia, permanecia em cima dela, chocava-a e a desenvolvia como um enorme ovo (p.113).

No final de sua vida, procurava uma moral fundada na estética, na qual o equilíbrio e a simetria forneceriam as bases de uma paz ecológica (p. 83). Os dois campos de atividade teórica que mais o ocupavam, a cibernética e a teoria da informação, permaneciam

---

<sup>28</sup> Bateson, Gregory e Bateson, Mary Catherine. *Angels Fear. Towards an Epistemology of the Sacred*, New York, Macmillan Publishing Company, 1987.





eminentemente abstratos e formais, mas, ao mesmo tempo, constituíam ferramentas de conceitualizações dos sistemas vivos (p.94). Com sua atenção estruturada (p.164), ele estava verdadeiramente fascinado pela inteligência, pela lógica e pela elegância dos sentimentos e das relações humanas (p.173). Mead era o motor de uma embarcação capaz de enfrentar e de cortar as ondas - altas e agitadas - que ameaçavam tanto o encontro entre as culturas, Bateson, silencioso no banco do mesmo barco, segurava firmemente o leme e observava como se estruturavam as ondas circulares na superfície das águas, "nas águas muito lentas do mesmo rio profundo" (p.113). Procurava novos parâmetros que pudessem redesenhar uma nova ordem do mundo: uma ecologia do espírito humano.

As idéias de Gregory não eram numerosas. Lia dois ou três livros por ano. Entende-se dessa maneira que, na sua vida inteira, suas pesquisas repousaram sobre uma série muito limitada de temas eminentemente abstratos, embora os exemplos e parábolas de que se utilizava no ensino fossem bastante variadas (p.113). Margaret, quando se encontrava em campo, passava muito mais tempo datilografando, classificando e colecionando suas notas, procurando lacunas ou paralelos, do que observando [...]. Ela abordava o trabalho de campo sob o ângulo da rentabilidade ótima, isto é, do ganho de tempo (p.147). Qualquer que fosse a disparidade entre os estilos intelectuais de Margaret e de Gregory, faz-se [...] necessário procurar um contraponto a fim de realçar os temas sobre os quais convergiam. Para eles, o prazer intelectual supremo consistia em reconhecer um modelo e ambos acreditavam que eram os processos de transmissão e de elaboração dos modelos em evolução que deviam ser os mais protegidos, tanto no universo biológico como no universo social (p.228-229). Esta busca de globalidade, e a tristeza de vê-la ameaçada, atravessou como um leitmotiv toda a vida dos meus pais (p.116).





Se Mary Catherine pode confessar que "Margaret me ensinou a perceber e a estimar as diferenças" (p.81) e declarar que "meus pais me ensinaram a aceitação da diferença e o respeito da individualidade" (p. 82), decerto, ela deve ainda hoje se lembrar dos questionamentos de sua infância: "Papai, ensine-me, ainda, algo sobre a 'estrutura que une' (The Structure which Connects) os seres vivos" ou, ainda, "temos que fazer um pouco de história natural" (p.52) para começar a entender um pouco melhor o "mundo dos homens".

### **Bateson ou uma maneira de pensar**

A obra de Bateson desconcerta muitas vezes o leitor provavelmente porque seu autor o convida sempre a "aprender a aprender". Pode-se dizer que todo o empreendimento intelectual de Bateson é atravessado pela tentativa sistemática de ensinar as pessoas a pensar. A escritura batesoniana é, sem dúvida alguma, densa e extremamente rigorosa, mas é menos o estilo de Bateson do que sua maneira de pensar que surpreende. A originalidade deste pensamento não consiste apenas em encontrar as idéias precisas e as palavras exatas, mas, também, em construir verdadeiras estratégias heurísticas para seu leitor. Entre elas, a mais instigante é a que se propõe a levantar perguntas e, sobretudo, a formulá-las.

Nas páginas que antecedem, fiz referência aos metáforas, isto é, nos termos de Bateson, a essas "conversas acerca de um assunto problemático". Efetivamente diálogos, no caso, entre um "Pai" (Bateson) e a "Filha" (sua filha, Mary Catherine), que levantam questões inesperadas tais como: "Por que é que as coisas sempre se colocam em desordem?"; "Papai, por que os Franceses agitam seus braços?"; "Pai, por quê as coisas têm contornos?"; "O que é um instinto?"; "Papai, por quê você conta histórias?".





Releio e apresento (em parte) um desses metálogos que, geralmente, não excedem cinco páginas e aliam ao rigor lógico e científico do debate, o pitoresco de um humor bem britânico.

O metálogo em pauta começa com a pergunta da filha:

- Pai, quanto é que você sabe?

O pai responde:

- Eu? Hum! Tenho cerca de uma libra de conhecimento".

- Não fale assim. É uma libra em dinheiro ou uma libra em peso? O que eu quero é saber quanto é que você sabe verdadeiramente?-

- Bem, o meu cérebro pesa cerca de duas libras e suponho que só uso uma quarta parte dele, ou, em outras palavras, que o uso com cerca de um quarto de suas possibilidades. Portanto, vamos dizer, meia libra".

Após uma série de reflexões sobre a "estrutura que conecta" os saberes humanos (como a trama num tecido), o metálogo volta ao seu ponto de partida com uma nova pergunta da filha:

- Pai, por que você não usa os três outros quartos do seu cérebro?".

- Oh, está bem... veja... o problema é que eu também tive professores e eles encheram cerca de um quarto do meu cérebro com névoa. Depois li jornais e ouvi o que os outros diziam e isso encheu mais um quarto com névoa".





A filha interrompe:

- E o terceiro quarto?

- Oh! Isso foi o nevoeiro que eu mesmo gerei enquanto tentava pensar.

Os métodos que Bateson utilizará serão quase sempre analógicos, artísticos<sup>29</sup>. Alguns exemplos são possíveis. Se, porventura, ele nos convida a pensar a complexa questão da variedade das epistemologias humanas, ele imaginará e convocará quatro personagens para discutir num parque: três pensadores profissionais (um científico do século XIX, um humanista, artista ou poeta, um cientista orientado pela circularidade) e, por que não, um lenhador, este, simplesmente "com o seu machado, cortando uma árvore. É um homem qualificado, mas seus pensamentos não estão atravancados por investigações epistemológicas ou científicas complexas". Longamente, descobriremos as considerações de cada um desses profissionais no seu esforço singular de compreender a atividade do lenhador. Não sem malícia, Bateson fechará o seu capítulo escrevendo: "O teórico pode elaborar suas teorias somente a partir daquilo que o prático estava fazendo no dia anterior. Amanhã, o prático fará algo diferente exatamente por causa dessas teorias"<sup>30</sup>.

Quando quer nos engajar numa reflexão em torno da aprendizagem e dos níveis da aprendizagem - peças constitutivas de todo conhecimento e de toda comunicação

---

<sup>29</sup> Espero que um dia algum pesquisador se interesse em descobrir as influências e aportes de William Blake (1757-1827) e de Samuel Butler (1835-1902) sobre as intuições pessoais de Gregory Bateson. Os três, pelo menos, têm em comum o fato de serem poetas, pensadores e grandes visionários.

<sup>30</sup> Bateson, Gregory e Ruesch, Jurgen. Communication. The Social Matrix of Psychiatry. New York: Norton & Company, 1951, cap.10.





humana, Bateson pode muito bem iniciar a conversa com uma pergunta inusitada: "Você já conseguiu dar um nó borboleta?"<sup>31</sup> E se você, em contrapartida, lhe faz uma pergunta como: "Será que os computadores pensam"?, então, calmamente, Bateson introduz sua longa resposta com um "Isto-me-lembra-uma-história". E, na medida em que as histórias são o tecido do vivo, saberemos que a sua história não é a de seu pai e de sua mãe, nem a história do feto que você foi e - antes disso - a história da simetria dos membros, própria aos vertebrados e, bem aquém disto, a história do nascimento da animalidade e a história da emergência da vida<sup>32</sup>.

Emblemático de toda essa maneira de conduzir o pensamento é o belo aforismo cunhado pelo lingüista e psicólogo de origem polonês Alfred Korzybski (1879 -1950): "O mapa não é o território e o nome não é a coisa designada" ("A Map is not the Territory, and the Name is not the Thing named"), que Bateson retomará freqüentemente nos seus trabalhos notadamente para lembrar que se o real existe, ele só pode ser alcançado por meio de uma operação mental, uma representação (nomeação, classificação, codificação), que reconstrói o fato ao invés de simplesmente captá-lo. Significa concretamente que "quando pensamos em cocos ou porcos não existem cocos ou porcos em nosso cérebro"<sup>33</sup>. Àqueles que iniciarão sua descoberta da obra de Bateson, recomendo a leitura

<sup>31</sup> Bateson, Gregory. "Ecology of Mind: The Sacred" [1975], retomado na IV Seção de A Sacred Unity. New York: Harper & Row, 1991.

<sup>32</sup> Bateson, Gregory. Mind and Nature. A necessary Unity. Toronto-New York: Bantam Books, 1980 [1979], p.14 s

<sup>33</sup> Mind and Nature, p.32.





da "Introdução" a *Mind and Nature* e o primoroso capítulo que se segue sob o título: "Every Schoolboy Knows..."<sup>34</sup>.

### "Como poderiam eles saber o que eu mesmo ignoro?"

No "Prólogo" de *Steps to an Ecology of Mind*, coletânea de trinta e cinco dos seus artigos, publicada em 1972<sup>35</sup>, Bateson, ao retratar de maneira muito precisa e singela seu próprio itinerário intelectual, escreve:

*"Não sou daqueles que mergulham no trabalho sem esperar nenhum reconhecimento, sucesso ou aprovação vinda de fora; sempre precisei saber que os outros acreditavam em meu trabalho, em seu sentido e em seu futuro. Mas, em contrapartida, fiquei muitas vezes impressionado com a confiança que pessoas depositavam em mim quando eu mesmo tinha tão pouca. Vez ou outra, tentei me livrar da responsabilidade que esta confiança total fazia pesar sobre mim. E dizia a mim mesmo: 'Afinal, não sabem nada do que eu faço. Como poderiam eles saber (sobre mim) o que eu mesmo ignoro'?"*

Retomo esta citação de Bateson porque me permite extravasar uma inquietação que, provavelmente, outros pesquisadores partilharão: como reverter a grande ignorância que cultivamos nos meios acadêmicos brasileiros com relação à atualidade da obra de Bateson? Nenhum saudosismo, mas sim, um imperativo ante nosso século adormecido. Deixo de lado a formalidade e o distanciamento que um artigo normalmente exige para lançar uma proposta: aqueles que, como eu, se deixarem tocar pelo pensamento desse

---

<sup>34</sup> *Mind and Nature*, p.3-71.

<sup>35</sup> Bateson, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1972 [Reedição com Prefácio de Mary Catherine Bateson, 1999].







autor deveriam somar forças para promover uma estratégia, junto às agências de fomento e aos editores do país, para a divulgação deste atual e indispensável capital intelectual. É de se esperar que horizontes melhores e mais lúcidos desenhar-se-ão em breve. Para o estudioso, ofereço<sup>36</sup>, em todo caso, algumas breves indicações bibliográficas que poderão alimentar suas expectativas.

### Os livros publicados:

Mencionei no começo deste ensaio os dois primeiros livros publicados por Bateson: *Naven* (1936) e, juntamente com Margaret Mead, *Balinese Character. A photographic Analysis* (1942)<sup>37</sup>. Duas obras de cunho antropológico nas quais, no entanto, conceitos importantes como *pattern*, *structure*, *ethos*, *eidos*, *cismogênese* anunciam os seus desdobramentos futuros na esfera de uma teoria da comunicação humana, pressentida como sendo, fundamentalmente, um sistema dinâmico de interações entre os indivíduos, uma orquestração ritual.

Em parceria com o psiquiatra suíço Jurgen Ruesch, Bateson publicará, em 1951, um livro efetivamente decisivo nesta nova área: *Communication. The Social Matrix of Psychiatry*<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Ficaria feliz de poder tecer alguns "nós" e conhecer os interesses de outros colegas no tocante à reflexão provocativa de Bateson. Contato: [Etienne Samain](#)

<sup>37</sup> Sob o título *Balinese Character* (re)visitado, apresento longamente essa obra numa Introdução ao livro primoroso de André Alves, *Os Argonautas do Mangue*, São Paulo/Campinas: Imprensa Oficial e Editora da Unicamp, 2004 (no prelo), um admirável estudo de antropologia visual sobre o ofício dos caranguejeiros da Ilha de Vitória, realizado nos moldes metodológicos de *Balinese Character*.

<sup>38</sup> Bateson, Gregory e Ruesch, Jurgen. *Communication, the Social Matrix of Psychiatry*. New York: Norton, 1951. Reedição com novo prefácio "Preface to the 1987 Edition" por Paul Watzlawick, New York: Norton





Um livro que não permite a economia de uma aprofundada leitura sob pena de se perder por completo os contextos de emergência de um bom número de conceitos fundamentais à nova visão (orquestral) e definição (sistêmica) que Bateson dará à comunicação. Um livro, já sabemos, no qual seus autores sustentarão que a comunicação é o "único modelo científico a reagrupar os aspectos fisiológicos, intrapessoais, interpessoais e culturais em um mesmo sistema. De tal modo que a comunicação constitui a matriz na qual se moldam todas as atividades humanas"<sup>39</sup>. Para constituir esta reflexão, Ruesch e Bateson assumirão, cada um, a redação de seis capítulos, sintetizando sua teoria da comunicação num capítulo final (cap. 11) intitulado "Indivíduo, grupo e cultura". Os aportes da cibernética, essa nova epistemologia, conduzirão Bateson, em especial, a insistir sobre o fato de que a análise de um sistema - como é o sistema comunicacional - não pode ser pensado a não ser na circularidade dos diversos elementos que o constituem e que, entre si, interagem. Assim sendo, a epistemologia não existe sem a informação; a informação não existe sem a comunicação; a comunicação não existe sem aprendizagem; a informação e a comunicação não existem sem uma codificação e uma avaliação das informações, e assim por diante. Todos esses conceitos, sempre confrontados e avaliados a partir dos fatos da observação, serão recriados, aprofundados, reavaliados, rearticulados, concretizados no decorrer dos trinta outros anos da vida de Bateson. Bateson, biólogo e antropólogo, deve, efetivamente, ser descoberto como este incomparável epistemólogo da comunicação.

---

1987. Versão francesa: *Communication et Société*, Paris: Editions du Seuil, 1988. Existe uma versão em língua castelhana.

<sup>39</sup> Pauzé, Robert. Gregory Bateson. *Itinéraire d'un chercheur*. Ramonville Saint-Agne, Toulouse: Érès, 1996, p. 64 .





Mind and Nature. A Necessary Unity (1979)<sup>40</sup> é o último livro completo que escreveu Bateson. Foi publicado em 1979, um ano antes de sua morte. É um livro síntese, uma espécie de testamento. O livro que, decerto, Bateson se alegrou por ter tido o tempo humano suficiente de concluí-lo. Para aqueles que não conhecem Bateson, volto a recomendar a longa Introdução (cerca de vinte páginas) e o primeiro capítulo O que todo menino sabe... deste livro. Estes textos representam, com efeito, a confiança de um homem e de um cientista com relação aos interesses que o despertaram e aos caminhos que percorreu : "Quero contar-lhe por que tenho sido um biólogo durante toda a minha vida, o que venho tentando estudar. Que pensamentos posso compartilhar com relação à totalidade do mundo biológico em que vivemos e temos em nosso ser. Como é que tudo isso chega a se unir? Qual é a estrutura que une todas as criaturas vivas?"<sup>41</sup>

Lá de onde até os anjos têm medo de se aproximar era o título que Bateson pretendia dar a um livro que preparava e que, sete anos após sua morte, Mary Catherine, sua filha, completará e publicará sob o título Angels Fear. Towards an Epistemology of the Sacred<sup>42</sup> (1987). Bateson nasceu numa família resolutamente atéia. Agnóstico, seu pai lia cada dia a Bíblia aos seus três filhos "para que não se tornassem ateus iletrados". Gregory Bateson, discretamente, sempre procurou, ele também, novas relações entre a humanidade e a natureza, bem como outros nomes para poder designar a divindade. Angels Fear é, deste modo, o mais religioso dos livros que conheço: o mundo natural é sagrado. Eis o que

<sup>40</sup> Bateson. Gregory. Mind and Nature. A Necessary Unity, Toronto - Nova Iorque: Bantam Books, 1980 [1979]. Versão portuguesa: Mente e Natureza. A Unidade Necessária, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986 (esgotado). Versão francesa: La nature et la pensée. Paris: Le Seuil, 1984.

<sup>41</sup> Mind and Nature, p. 8-9.

<sup>42</sup> Bateson, Gregory e Bateson, Mary Catherine. Angels Fear. Towards an Epistemology of the Sacred.





tínhamos esquecido desde que Descartes nos convidou a fazer uma separação entre a alma e o corpo, entre o espírito e a matéria. Desde então vivemos numa grave deformação, num lamentável handicap. Com variações e, geralmente, com falta de verdadeira distinção, o tema central de todas as religiões permanece o mesmo: o que está em questão não é outra coisa senão o velho problema da relação entre o corpo e o espírito, a procura de uma "estrutura que possa religar", enfim, os seres vivos.

### Os artigos publicados:

Uma excelente bibliografia<sup>43</sup> da obra de Bateson foi elaborada por Rodney E. Donaldson. Ela relaciona pouco mais de 200 trabalhos. São "Artigos, Observações, Resenhas", escritos entre 1930 e 1980 (morte de Bateson).

Desses 200 títulos, 68 artigos foram reunidos, até hoje, em duas coletâneas:

- Steps to an Ecology of Mind (publicado em 1972)<sup>44</sup>, agrupa 35 artigos.
- A Sacred Unity: Further Steps to an Ecology of Mind (publicado em 1991 por Rodney E. Donaldson)<sup>45</sup>, reúne outros 32 artigos.

Tanto Steps como A Sacred Unity, - não disponíveis ainda em língua portuguesa<sup>46</sup> - seguem uma organização dos textos feita pelos editores em torno dos seguintes temas:

<sup>43</sup> Bibliografia apresentada no final de A Sacred Unity: ver logo a seguir.

<sup>44</sup> Bateson, Gregory. Steps to an Ecology of Mind, Chicago: The University of Chicago Press, 1972 [Reedição com um Prefácio de Mary Catherine Bateson, 1999].

<sup>45</sup> Bateson, Gregory. A Sacred Unity: Further Steps to an Ecology of Mind (ed. Rodney E. Donaldson). San Francisco: Harper Collins, 1991.





"Forma (Form) e Modelo (Pattern) em Antropologia"; "Forma e Patologia dos relacionamentos"; "Biologia e Evolução"; "Epistemologia e Ecologia"; "Crise na Ecologia do Espírito"; "A Saúde, A Ética, A Estética e O Sagrado". A ordem dos artigos no interior de cada um desses domínios corresponde cronologicamente aos diferentes períodos da vida de Bateson, quando essas temáticas se encontravam no centro de suas preocupações.

Como trabalhar com tamanho universo de questionamentos e de aberturas? Não tenho esta resposta, menos ainda uma receita. Pessoalmente, parto de alguns dos últimos artigos escritos por Bateson. São geralmente artigos curtos, extremamente velozes, claros e densos. Dizem principalmente respeito à epistemologia. Penso, muitas vezes, ter entendido algo e, penso, aliás, que não estou confuso em minha avaliação. Descubro, todavia, no dia seguinte, que não sei quase nada, a não ser a direção de um caminho que me resta a percorrer. Qual é? Procuo, então, mapear as grandes interrogações levantadas por Bateson; procuro organizá-las em função da maneira como uma questão que ele levanta parece articular-se sempre a uma outra e, em seguida, tento refazer todo o percurso que originou e alimentou seu esforço de entendimento. O que me fascina é o fato de que, no intervalo, descobro mares nos quais nunca sequer tinha imaginado poder navegar, sobre os quais nunca sequer tinha imaginado poder me reencontrar.

### **Algumas sistematizações em torno da obra de Bateson**

No tocante à pessoa e ao percurso intelectual de Gregory Bateson, já me referi a duas obras de particular relevância: o trabalho biográfico realizado por David Lipset (Gregory Bateson. O legado de um cientista) e o fino retrato composto por Mary Catherine Bateson

---

<sup>46</sup> Existem traduções em língua castelhana, francesa e italiana dessas duas coletâneas.





em torno das figuras de seus pais, (*With a Daughter's Eye: A Memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson*)<sup>47</sup>.

Uma outra e importante publicação deve ser, de imediato, mencionada na medida em que foi fundamental para despertar, junto à comunidade francófona europeia dos anos 80, seus primeiros interesses pelas idéias inovadoras de Bateson (e dos pesquisadores de Palo Alto), no campo da comunicação em especial. Trata-se do criativo, preciso e claro trabalho, elaborado por Yves Winkin a partir de uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 1980, quando conseguiu ainda se encontrar e discutir com um bom número dos integrantes do "Colégio invisível" de Palo Alto. O indiscutível mérito de *A Nova Comunicação*<sup>48</sup>, publicado na França em 1981, e mais recentemente no Brasil, é o de ter conseguido situar Bateson no contexto de uma época de grande efervescência intelectual - do pós-segunda guerra mundial americana -, quando antropólogos (Gregory Bateson, Erving Goffman, Edward T. Hall, Ray Birdwhistell...) e psiquiatras (Don D. Jackson, Paul Watzlawick e Albert E. Scheflen...), todos, sem alardes, procuravam redefinir o mundo comunicacional humano, não apenas a partir das "potencialidades" de novos suportes (a televisão e a informática nascentes, na época), não apenas em termos de uma "instrumentalização" (que, todavia, não desconheciam) e, sim, em função daquilo que, fundamentalmente, representa, hoje ainda, a comunicação humana: o campo das "razões" tanto como das "emoções", das "práticas" tanto como das "interações", presentes nas condutas sociais e culturais - individuais, institucionais e públicas. Com poucas palavras, uma comunicação refletida não mais e apenas como uma telegrafia

---

<sup>47</sup> Esses dois livros não existem ainda em língua portuguesa.

<sup>48</sup> Winkin, Yves. *La nouvelle communication*. Paris: Seuil, 1ª ed. 1981; 6ª ed. (aumentada), 2000. A versão brasileira, publicada em 1998, sob o título *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus Editora, oferece, além dos textos, uma ampla bibliografia crítica.





relacional e instrumental, mas, sim, como uma orquestração ritual, eminentemente sensível e sensual.

Devo imaginar que, inspirados pelo trabalho de Winkin, outros autores belgas e franceses, não necessariamente comunicólogos de formação, e sim psicólogos e psicoterapeutas por vocação, teriam que nos oferecer outras contribuições de peso. É o caso dos psicólogos franceses Edmond Marc e Dominique Picard que, em 1984, publicaram *L'École de Palo Alto*<sup>49</sup>. Oito anos depois, dois psicólogos do "Centro Gregory Bateson" de Liège (Bélgica), Jean-Jacques Wittezaele e Teresa Garcia, também presenteiam a comunidade científica com o notável (e, até hoje, mal conhecido) *À La Recherche de Palo Alto*<sup>50</sup>, um livro de mais de 400 páginas que refaz, com modéstia e excepcional erudição, o percurso de Bateson e de seus amigos, perscrutando temas como: "O estudo da comunicação", "Aprendizagem e contexto", o "Duplo vínculo" (o famoso "Double Bind" no qual, todavia, não podemos aprisionar Bateson). Um livro excepcional que, certamente, Bateson, o visionário cético, chegaria a nos recomendar.

Mais recentemente - índice de que a obra de Bateson começa a se tornar inquietante por causa da sua pertinência cultural - assinalo o Gregory Bateson, *Itinéraire d'un Chercheur* (1996)<sup>51</sup> do psicólogo clínico Roberto Pauzé (Universidade de Montreal) e o *Double lien*,

---

<sup>49</sup> Marc, Edmond e Picard, Dominique. *L'École de Palo Alto*. Paris: Retz, 1984.

<sup>50</sup> Wittezaele, Jean-Jacques e García, Teresa. *À la recherche de l'École de Palo Alto*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

<sup>51</sup> Pauzé, Robert. *Gregory Bateson. Itinéraire d'un chercheur*. Ramonville Saint-Agne, Toulouse: Érès, 1996.





Schizophrénie et Croissance. Gregory Bateson à Palo Alto (2000)<sup>52</sup>, do psiquiatra francês Jean-Claude Benoit. Recomendaria o trabalho de Pauzé por causa de seu esforço de sistematização dos múltiplos centros de interesse de Bateson.

No rol dos "Ensaio 'sobre' ou 'em memória' de Gregory Bateson", limito-me a mencionar três coletâneas de contribuições de pessoas que, ora foram seus colaboradores próximos, ora seus atuais devedores. A mais antiga (1977)<sup>53</sup>, publicada por John Brockman quando Bateson ainda vivia, reúne artigos de Mary Catherine Bateson, Margaret Mead, David Lipset, Ray Birdwhistell, Rollo May e Edwin Schlossberg. Ela se encerra com um Posfácio do próprio Bateson, notável síntese dos conceitos-chaves da sua reflexão.

Yves Winkin organizou em 1986 um colóquio no Centro Cultural Internacional de Cerisy, consagrado à obra de Bateson. O resultado dos 21 trabalhos apresentados por especialistas de disciplinas perpassadas por Bateson foi publicado sob o título Bateson: Premier État d'un Héritage<sup>54</sup>. Em 1989, por sua vez, Robert W. Rieber editou, no quadro de uma coleção de Estudos sobre a afetividade e as inter-relações sociais, o denso *The Individual, Communication and Society. Essays in Memory of Gregory Bateson*<sup>55</sup>. O longo

---

<sup>52</sup> Benoit, Jean-Claude. *Double lien, Schizophrénie et Croissance*. Ramonville Saint-Agne, Toulouse: Érès, 2000.

<sup>53</sup> Brockman, John. *About Bateson*. New York: E.P. Dutton, 1977.

<sup>54</sup> Winkin, Yves (sob a direção). *Bateson. Premier État d'un Héritage*. Colloque de Cerisy. Paris: Seuil, 1988.

<sup>55</sup> Rieber, Robert. W. *The Individual, Communication and Society. Essays in Memory of Gregory Bateson*. Cambridge: Cambridge University Press e Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1989.







Prefácio "À procura de uma impertinente questão: um sobrevôo da teoria da comunicação de Bateson", escrito pelo próprio Rieber, merece particular atenção<sup>56</sup>.

### **Conclusão e Post Scriptum**

O que poderia explicar o fato de que Gregory Bateson, um antropólogo, tenha procurado tão profundamente e durante sua vida inteira, pensar e esboçar alguns passos novos em direção à comunicação entre os seres vivos (homens evidentemente, mas animais, flores, estrelas do mar também), isto é, em direção a um sistema de informações, de interações e de inter-relações em perpétuo trabalho? O que deveria explicar outros passos - paralelos - em direção a uma ecologia do pensamento, isto é, em direção a essa "estrutura que une" e "conecta" os seres vivos numa necessária unidade: a do "espírito e da natureza", o domínio efetivo do sagrado? Eis o que nos restará descobrir.

À guisa de conclusão, penso dever lembrar - é Bateson, evidentemente, que nos falará - que, de modo geral, as pessoas são muito menos claras no que diz respeito a pensamentos novos que procuram adquirir, do que no tocante a idéias antigas das quais gostariam de se livrar. O presente ensaio participa deste paradoxo.

*PS: Se, um dia, debaixo de tua porta, descobrir*

*Um envelope de papel bege claro,*

*Sem endereço oficial ou formal*

*Dê-me um toque. Ela me interessa*

<sup>56</sup> Não faltam na Internet sites realmente interessantes sobre Bateson e sua obra. Uma sugestão: a ferramenta de busca Google e entradas como Gregory Bateson, Bateson Gregory, Bateson Communication, Epistemology Bateson.





*Se, ao abrir, o envelope,  
De papel bege claro, descobrir  
Uma folha da mesma cor,  
Então pare um instante  
e tome a coisa muito a sério.*

*Se sobre a folha de papel de cor bege  
encontrar-se escrito algo do gênero:  
"Em que medida a folha de uma árvore  
assemelha-se a uma palavra dentro de uma frase"?  
tome o cuidado de respirar fundo.*

